

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 24

Dezembro — 1882

1.º anno

Expediente

Terminando com este numero o primeiro anno de publicação do nosso jornal, apesar do sacrificio que fizemos para o conseguir, attento o caso que se deu com as photographias que tivemos que pagar por muito mais preço que aquelle porque tinhamos combinado, como por diversas vezes temos annuciado, apesar de todos esses sacrificios que para nós importam em 150\$000 réis, entendemos que a nossa obra ficava incompleta se não fornecêssemos aos nossos assignantes o frontispicio para o volume; por isso o distribuímos gratis com este numero.

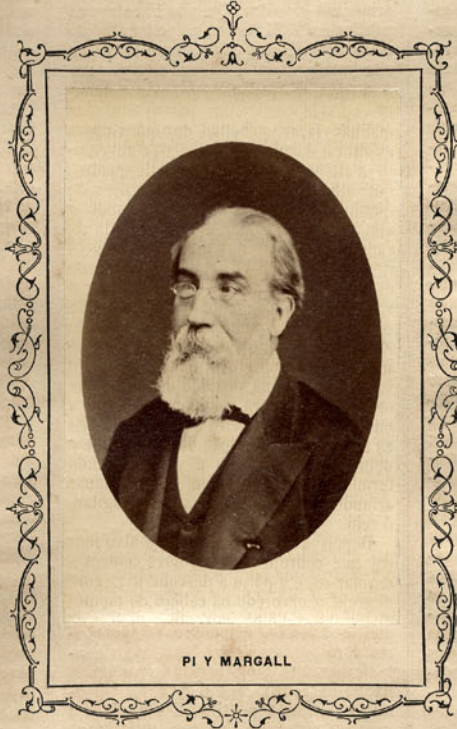
Attendendo porém a que nos é impossivel continuar com sacrificios nos futuros annos, resolvemos elevar o preço ao nosso jornal, mas para que a differença não pareça exagerada será sempre impresso a duas côres e no fim do anno daremos o nosso almanach gratis aos srs. assignantes.

A todos os nossos estimaveis assignantes que desejarem continuar, pedimos a fineza de renovarem as suas assignaturas com a maior urgencia, para não soffrerem interrupção na remessa, pois como sabem este jornal não se expede a pessoa alguma sem que esteja previamente paga a assignatura. Os preços são os seguintes: Lisboa tres mezes 400 réis, seis mezes 750 réis, anno 1\$500 réis.

Provincias e Ilhas: semestre 800

réis, anno 1\$600 réis. Brazil moeda forte: 3\$000 réis. Africa e estrangeiro accresce o porte do correio.

A administração.



PI Y MARGALL

PI Y MARGALL

N'um dos seus innumerados trabalhos litterarios escreve Pi y Margall estas bellas palavras, que nos explicam a sua conducta severa e digna em todas as occasões e através de todos os acontecimentos:

«El escritor público — diz elle — debe dejar á un lado toda consideracion y no obedecer mas que á la voz de su conciencia. Si no se siente fuerte para luchar, debe romper su pluma, jamás escribir una palabra contra sus proprias convicciones. Emplearla asi es un delito. Sólo el hombre que ha llegado al último grado de envilecimiento puede ponerla al servicio de cualquiera idea, á merced de todo el mundo.» Pi y Margall, desde que entrou na vida publica, poz a sua penna ao serviço das suas convicções e tomou por guia dos seus actos a voz austera da sua consciencia; por isso erguen-se da condicção humilde em que nasceu aos mais eminentes pincares da celebridade humana, conquistada pelos esforços successivos de uma intelligencia superior e desenvolvida pelo estudo, com o auxilio de um caracter honesto e de uma vontade de ferro. Assim alcançou o primeiro logar entre os homens mais notaveis da Hespanha, gozando a veneração dos seus concidadãos e o respeito e a estima de todos, quantos, em paizes estrangeiros, se dedicam á vida especulativa ou á propaganda dos principios emancipadores das nações e dos individuos.

Tencionavamos consagrar a Pi y Margall uma biographia circunstanciada e minuciosa como o exige a elevação do seu talento e a influencia exercida sobre o meio social, mas infelizmente somos forçados a limitar este artigo a umas ligeiras notas biographicas para não retardarmos mais a publicação d'este numero da Galeria Republicana.

D. Francisco Pi y Margall, chefe do partido republicano federal hespanhol, não é um *politico*, na restricta accepção da palavra; as suas faculdades intellectuaes são muito superiores; é um verdadeiro

litterato, um homem de sciencia, um pensador. Estas qualidades, que o distinguem da grande maioria dos politicos hespanhoes, e que são a sua principal gloria, elevam-no acima dos seus concidadãos illustrados e fazem d'elle o primeiro vulto da Hespanha. Tendo nascido em 29 de abril de 1824, na cidade de Barcelona, capital de Catalunha e o foco mais vivo da resistencia contra o centralismo monarchico, recebeu de seus paes — modesta e honrada familia — uma educação esmerada; e desde muito cedo começou a revelar tendencias irresistiveis para o estudo, encontrando nos seus progenitores um decidido apoio. Frequentou as aulas de instrucção, aprendeu com vivo interesse o latim, o grego e o hebraico, cursou a Universidade de Barcelona e entusiasmou-se com a leitura dos philosophos alemães. Aos 14 annos de idade já escrevia poemas e dramas de algum merito litterario e aos 17 dava a lume *La España pintoresca*, artigos sobre arte monumental, revistas de theatro e outros documentos da sua bella intelligencia e da sua constante applicação. A litteratura, as bellas artes e a philosophia atrahiram igualmente o joven escriptor. Hegel era o seu philosopho predilecto e o pantheismo tornára-se a sua religião. Com o cerebro cheio de sonhos e de esperanças, partiu aos 23 annos para Madrid, onde a centralisação reunia o que havia de mais distincto em toda a Hespanha, tanto nas artes como na sciencia e na litteratura. Na capital do visinho reino, n'esse meio corrompido pela corte dos Bourbons, Pi y Margall, ao contrario de tantas outras capacidades, conservou a sua honestidade e a sua independencia de caracter; a educação recibida no lar domestico, o amor pelos estudos serios e as ideias de liberdade e de emancipação bebidas no centro da sua provincia natal, forneceram-lhe os elementos primordiales para resistir contra os embates dissolventes da politica monarchica. Em Madrid concluiu o curso de direito e, consagrando-se inteiramente ás letras, continuou os *Recuerdos e bellezas de España*, obra encetada por Pablo Pierrer. Os volumes que publicou acabaram de formar a sua reputação como escriptor; mas a primeira obra prima de Pi, appareceu em 1851. Foi a *Historia de la Pintura en España* que levantou contra o auctor a colera do clero hespanhol, e na qual faz com inteira independencia e com uma ousadia admiravel a critica racional da religião christã e da igreja catholica, annos antes de Strauss e Renan publicarem as suas obras memoraveis. O arrojio do distincto litterato levou um enorme panico ao campo clerical e assustou as classes conservadoras. Os padres excommungaram-no do pulpito, a congregação do Indice prohibiu a leitura da obra e a realleza mandou suspender a impressão do segundo volume. Foi uma perseguição em forma contra as ideias do notavel revolucionario. Pi y Margall havia-se filiado no partido democratico que começava a constituir-se e fôra eleito pela provincia de Tarragona membro do comité central em substituição de Figueras. O talento e a erudição do joven democrata chamaram

contra elle a attenção dos poderes publicos. Os editores de jornaes receavam comprometter-se dando á luz artigos assignados pelo auctor da *Historia de la Pintura en España*. Pi teve de recorrer ao anonymo e assim collaborou assiduamente em muitas folhas politicas e litterarias.

Eis como principiou a vida publica de Pi y Margall. Desde esta época nunca mais abandonou a politica que elle considerava mais como um dever, do que um direito de todo o cidadão; não mira a qualquer interesse, nem é dirigido por ambições mais ou menos egoistas; a consciencia e só ella, e o motor inicial de todos os seus actos. Modesto, simples, lhano é ao mesmo tempo severo e digno. Tanto na vida exterior como na particular é um modelo proprio para ser imitado por quantos põem o bem commum e a dignidade humana acima das conveniencias privadas e dos caprichos e vanglorias pessoas. Não se deixa vencer pelo sentimento, nem se submete ás impressões momentaneas; dotado de uma solida instrucção tem convicções profundas e opiniões definidas que regem todas as suas ideias, palavras e acções e orientam n'um fim determinado a sua vida publica e privada, sem transigir nem vacillar um momento deante de principios oppostos. Quando Pi entrou na politica em 1851, estava n'um facção mais intransigente dos moderados. A sua alta intelligencia e os seus escriptos importantes, dando-lhe logo um dos primeiros logares no partido democratico, chamaram tambem sobre elle a vigilancia da auctoridade constituida. No seio do comité central sustentou sempre as ideias mais liberaes e avançadas da época, mostrando-se em pleno desacordo com a maioria.

Demittiu-se, mas em janeiro de 1854 sendo preses os membros do comité, viu-se envolvido na perseguição, tendo de se esconder até que rebentou a revolução de Vicálvaro. Passando o poder para as mãos do partido progressista composto de revolucionarios sentimentalistas e platonicos, Pi y Margall lançou ao publico *El Eco de la Revolucion*, jornal democratico, onde propagava a ideia da emancipação popular. Fôra perseguido pelos moderados; agora foi-o pelos progressistas, que o metteram na prisão, donde saiu pela influencia de um dos membros da junta, pouco tempo depois.

Concebeu então outro trabalho fundamental *La Reaccion y la Revolucion* (vol. 1.º 1854), que teve a mesma sorte da *Historia de la Pintura*. O governo prohibiu a impressão do segundo volume. Pi y Margall, combatia igualmente os conservadores e os progressistas e levantava a doutrina federalista, mostrando-se partidario da forma republicana e defensor entusiasta do pacto politico. Era a primeira vez que o federalismo era apregoado na Hespanha, cinco annos antes de Proudhon proclamar em França n'um bello volume essa theoria racional e, como tem sido comprovada em varios paizes, essencialmente historica.

A vida do homem de letras, em Hespanha, como em Portugal, é pouco lucrativa; raros, rarissimos são aquelles que

podem viver exclusivamente do ganho da penna, sem recorrerem a qualquer outra profissão ou a um emprego publico. Pi y Margall, que viveu sempre, como vive hoje, do seu trabalho, teve de procurar os meios de subsistencia n'outro ramo da vida social. Tendo o curso de direito, fez-se advogado em 1857 e tornou-se em breve notavel como juriconsulto e orador forense, apesar de não ter a minima sympathia por esta profissão. A justiça no paiz visinho, como entre nós, reflecte o estado lastimavel de corrupção que lavra na sociedade; a decadencia theologico-monarchica no seu ultimo periodo — o constitucionalismo desmoralizador — arrasta na lama todas as instituições; os tribunales de justiça não são uma excepção; a boa fé não anima os litigantes, nem a rectidão dirige as sentenças dos juizes; o dinheiro, o empenho, a bajulação triumpham frequentes vezes da justiça. Entrando n'um meio tão depravado, Pi y Margall soube conservar-se immaculado, levando para o fóro a mesma inteireza de caracter, a mesma independencia, e a mesma hombridade modesta, que usava na vida das letras. Só as causas justas, só a razão, tem em Pi y Margall um defensor; a convicção, a verdade é a força unica dos seus argumentos indestructiveis; a rhetorica balofa dos sentimentalistas, os sophismas empavados dos rabulas forenses, encontram em Pi um adversario invencivel.

Os seus labores de advogado não lhe fizeram abandonar os trabalhos litterarios. Todas as horas que lhe ficavam vagas consagrava-as aos seus estudos predilectos. Desde 1851 tem collaborado em quasi todos os periodicos scientificos e litterarios que tem visto a luz em Hespanha.

Em 1860, Pi y Margall redigiu e fez assignar por Rivero, Castelar, Garcia Ruiz e outros a celebre *declaración dos trinta*, na qual se declaram democratras todos os que professam ideias avançadas, considerando os direitos do homem, inherentes á sua natureza, como superiores e anteriores a toda a lei positiva e portanto imprescriptiveis e illegislaiveis. Esta importante declaração motivada pelas profundas divergencias que começavam a dividir os republicanos em virtude das varias opiniões economico-sociaes, não produziu o effeito desejado. Em breve se levantou uma grave discussão entre os individualistas e os socialistas, tomando Pi y Margall o partido d'estes, que brillantemente defendeu, em 1864, em *La Discusion* cuja direcção conservou pelo tempo de seis mezes. Saindo da redacção d'este periodico, não abandonou a vida politica, antes continuou sempre na brecha, propagando a sua doutrina, tendo de emigrar dois annos depois para Paris. Succedeu este facto em 22 de junho de 1866.

Na capital de França Pi não ficou na inacção; a sua actividade nunca se desmentiu, mesmo nos momentos mais amargos da sua existencia; no estrangeiro como em Hespanha, o eminente escriptor viveu do seu trabalho, servindo-se das suas aptidões de juriconsulto e escrevendo correspondencias para jornaes ameri-

canos. Ao mesmo tempo cursava as aulas de philosophia da Universidade e seguia as lições do positivista orthodoxo Pierre Lafitte. A orientação philosophica de Pi y Margall, aproxima-se muito da doutrina positiva, tanto sob o ponto de vista scientifico, como sob o ponto de vista moral, e cremos mesmo que o notavel pensador hespanhol adoptaria a philosophia de Augusto Comte se o não tivessem desgostado os exageros cultuaes da Religião da Humanidade. Mas esse mysticismo humanitario dos sceptarios de Lafitte nada tem de ver com a doutrina severa e racional da Philosophia positiva, como a entendia Littré e como a propaga a revista parisiense de Robin e Wyrnonhoff.

Durante a emigração Pi não abandonou os interesses politicos da Hespanha; trabalhou para a revolução de setembro, mas não tomou parte activa n'este movimento por não aceitar as bases propostas por Prim, Olozaga, Martos, etc. Por este motivo só entrou em Hespanha quando foi tomar assento nas côrtes constituintes como representante da sua cidade natal. Data d'esta época a sua maior influencia politica, sendo considerado desde então por quasi todos os republicanos federaes como o verdadeiro chefe do partido. De 1868 a 1873 Barcelona elegeu-o sempre em todas as legislaturas. Como deputado defendeu em todos os congressos as ideias federalistas, advogou a separação da Igreja e do Estado, combateu a monarchia e analysou com esmagadora severidade os orçamentos da receita e da despesa.

A rapidez com que estamos traçando estas ligeiras notas biographicas não nos permite considerarmos com a desejada minuciosidade os actos politicos do grande federalista hespanhol. Temos de nos limitar a simples indicações. A abdicação de Amadeu trouxe a republica sem o derramamento de uma só gota de sangue. Este acontecimento inesperado assombrou todos os espiritos. Pi e com elle quasi todo o partido federal esperou que umas côrtes constituintes proclamassem a federação hespanhola; apoiou esta ideia de preferencia a um movimento revolucionario que partisse da independencia provincial ou regional para a unidade nacional, meio por certo mais seguro e mais efficaç para se chegar a resultados praticos e effectivos. Por esta illusão momentanea foi levado a propor que se declarasse estabelecida a Republica ficando a cargo das Constituintes a sua organização. Pi y Margall affirmou na mesma occasião que elle e os seus amigos politicos passariam para a opposição se nas Constituintes não prevalecesse a Republica federal. Não podemos acompanhar, passo a passo, os successos d'esta famosa época, á qual se acha intimamente ligada a vida publica do illustre escriptor.¹ A sua attitude no congresso e posteriormente no governo tem soffrido a critica severa de muitos correccionarios. Uns accusam-no por não se arvorar em dictador, por respeitar em de-

masia a legalidade e o pacto feito entre os differentes grupos democraticos, outros por esquecer por um pouco a sua theoria de que o movimento politico deve partir debaixo para cima, inspirando os legisladores e o governo. O que é incontestavel é que Pi y Margall teve todas as esperanças nas eleições e deteve a expansão espontanea de independencia que começava a manifestar-se na Catalunha e n'outras provincias. Os republicanos de posse da situação em Hespanha, viram-se a braços com uma crise indescriptivel. Os conservadores prégavam a abstenção perante a urna e os chefes republicanos não se entendiam no governo. Figueras não apparecia no conselho, Castelar hostilizava todos os actos de Pi, Salmeron pela sua parte embarçava tambem o andamento dos negocios publicos, todos emfim contribuiam do modo mais lamentavel para o triste desenlace da republica. As côrtes vieram com effeito federaes, mas rebentaram logo discordias pessoas no seio do parlamento que se separou em esquerda e direita, sem existir um motivo serio que justificasse a grande lucta que se travou entre uma e outra facção. Foi votada a Republica federal, mas a constituição levantou enormes debates que se converteram em doestos individuais e discussões acerrimas. Pi foi eleito presidente do Poder executivo em substituição de Figueras, com a facultade de nomear ou propor ás côrtes os ministros; escolheu-os de todos os lados da camara, mas sendo o gabinete mal recebido, pediu a demissão. O parlamento elegeu Figueras, dando-lhe a mesma facultade que concedera a Pi; porém, sob um pretexto futil, aquelle abandonou o governo e tomou o caminho de Franca. Salmeron e Castelar instaram com Pi para aceitar de novo a presidencia; encontraram-no inabalavel. Uma commissão da camara veio procural-o em nome da Republica que estava abandonada e em perigo, e a muito custo conseguiu demovel-o do seu proposito, mas com a condição de ser o ministerio eleito pelo parlamento. Pi y Margall mostrou-se sempre energico e indomavel; a sua austeridade de character e a vontade de ferro, que sempre o distinguiram, não o abandonaram no poder. Se como escriptor nunca pedira elogios e como politico nunca pedira votos para qualquer cargo, tambem como ministro não fazia pressão alguma sobre os deputados, nem procurava fazer triumphar as suas ideias por outra forma que não fosse inteiramente legal e honesta.

A sua influencia e a sua energia provou-as por vezes de um modo brilhante, como, em 24 de fevereiro, quando destruiu a conspiração contra a Republica sem ter um soldado do seu lado e pouco depois quando abafou a conjuração criminal de 23 de abril. Accusam-no, porém, de ter deixado passar n'este momento a occasião mais favoravel de fazer a federação. Tendo nas mãos a dictadura conservou-se inactivo e mesmo irresoluto. Não confiava porventura no povo? Receava que elle não aceitasse o pensamento federal? Alguns correccionarios defendem-no afirmando que é demorado em tomar as suas

resoluções e que a sua grande boa fé e honradez indubitavel não lhe permitiam abusar da dictadura. Segundo o nosso ponto de vista a melhor defeza de Pi y Margall está na eminente superioridade do seu espirito; não é um estadista, na mais ampla significação d'esta palavra e conforme o criterio positivo, porque as suas aptidões não se limitam ao campo essencialmente pratico, á applicação das theorias especulativas no desenvolvimento do organismo social. Pi y Margall pertence á ordem de espiritos superiores, cujas facultades intellectuaes se consagram ao alargamento dos progressos humanos, na exploração das fontes scientificas, litterarias e artisticas. Elle é um pensador e um homem de letras de primeira plana. São estas grandes qualidades que prejudicam o politico, o homem de acção, cujas funções demandam um espirito secundario e mesmo bastante mediocre.

Quando Pi entrou no governo em 11 de setembro de 1873 achou consumida a verba dos gastos secretos d'esse mez e do seguinte. Ao deixar a presidencia tinha em seu poder 8.000 duros e não cobrara a parte correspondente ao mez de julho no valor de 3.000. Aconselharam-no a dispor dos 13.000 duros, mas elle não só não recebeu os 3.000, como entregou ao seu successor os 8.000 pedindo-lhe recibo. Este simples traço mostra-nos a grandeza moral que caracteriza este homem eminente.

A republica morreu nas mãos de Castelar, o transfuga miseravel que esqueceu o seu passado, no dia 3 de janeiro de 1874. Pi y Margall voltou á vida forense; as calumnias, porém, não o pouparam e fizeram d'elle uma victima indefensa; assaltaram-no tanto que o illustre escriptor viu-se forçado a vir a publico justificar a sua conducta, escrevendo a historia da republica de 73. A primeira parte, a sua *Vindicación* viu a luz na primavera, mas os exemplares foram apprehendidos por ordem do governo. Pi não desanimou com o mau exito do primeiro ensaio da forma republicana em Hespanha. Em 1875 iniciou a reorganização do partido federal e posteriormente publicou *Las Nacionalidades*, obra memoravel onde funda em dados historicos a theoria do federalismo na Peninsula hispanica. Este trabalho é talvez o maior e mais completo do primoroso auctor da *Historia de la Pintura en España*. Actualmente está escrevendo e tem no prelo uma nova obra que depois de completa será verdadeiramente monumental; referimo-nos á *Historia general de America* que revela a erudição profunda e o talento extraordinario do auctor. Esta obra e a advocacia são as unicas fontes de receita que Pi y Margall tem na actualidade. Com a sua honestidade admiravel recusou receber a *cesantia* que por lei lhe pertence mas que elle considera injusta; regeita assim os 30.000 reales, que quasi todos os ministros da republica aceitam sem córar, mesmo alguns que passam por intransigentes, e prefere trabalhar noite e dia para adquirir os meios de subsistencia para si e para sua familia. Um dos ultimos ministerios do paiz visinho, mandou officiosamente procurar Pi y Margall para lhe entregar todos os ordenados

¹ Vid., para mais esclarecimentos a biographia de Pi escripta por D. Pablo Correa y Zafrilla (*La Federación*, Madrid 1880).

vencidos, mas o austero republicano, mais uma vez recouno terminantemente receber a *cesantia*.

Que bello caracter!

TEIXEIRA BASTOS.

24 DE AGOSTO

Saudemos este dia ó coração d'athletas
Vinde deplor aqui as corças de loaro,
Saudae estes heros, e rendilhae poetas
Os versos mais virtis das vossas lyras d'ouro.

Assim como se agita a onda em mar profundo
E espallam no Universo os filhos da Judeia,
Assim se agita e espalha agora em todo o mundo
A resplendente luz, a heroica luz da Ideia.

A Ideia, a grande luz que illumina as estradas
Onde traballia a plebe e ruge a consciencia,
A Ideia que assassina o erro ás punhaladas
Com o agudo punhal altivo da sciencia!

Saudemos este dia — uma gloriosa aurora,
Como saudam tambem as aves a manhã,
E vamos ensinando o evangelho d'agora:
Fazer d'uma alma em trevo, uma consciencia sã!

Illumine-se a alma esse immenso oceano
Com a luz radiante e rubra d'uma escola,
E ver-se-ha então o pensamento humano
Assassinar Gato, apunthalar Loyola.

Illustrae, educa o coração das creanças
Doce flores de sol, ardente sem limite,
E' na escola que está um futuro de esperanças
Tem mais força a instrução que toda a dynamite!

A escola, a officina, a machina, a fornalha,
São gloriosos titans das luctas da materia,
O erro é uma algema, a sciencia uma batalha
Vencendo a ignorancia, a horrida Siberia.

E' este o nosso credo, o ideal da nossa liza,
Evangelho de luz, aurea estrada que trilha
O nobre coração dos filhos da justiça
Que aos gritos liberdade, esmagam a Bastilha.

Nós que temos aqui o ideal mais santo e puro
Ardeute como a lava rossa d'um vulcão
Saudando estes heros, mostramos ao futuro
N'um diadema de luz a fé na revolução.

Nós recordando enfim esta gloriosa data,
Apostolos do bem, os luctadores novos,
Vamos saudar tambem n'uma canção de prata:
Paz, liberdade e amor — a redempção dos povos!

IGNACIO DA SILVA.

Homenagem

Jaime á me plonger dans cet océan des faits de conscience!

Saudemos respeitosamente os nossos correligionarios insulanos.

Cumpra-se um judicioso dever para com aquelles que tão briosamente subjugaram com a superioridade do seu caracter, a audacia d'esse governo, que protege sem remorsos, os filhos de Loyolla!

E' incontestavel que a causa da ruina da nossa Patria, está no indifferentismo d'uns, no animo meticuloso d'outros, e principalmente no vandalismo dos seus governantes.

Sem combater não se conquista a liberdade, todos o sabem.

Mas o que os Funchalenses, nos ensinaram é como se alança rapidamente uma victoria definitiva sobre o despotismo, unicamente com as armas infalliveis da circospecção e hombridade.

Medite o povo na eleição do Funchal.

E repare quanto são dignos de louvor aquelles que combatem a monarchia.

Os apologistas d'esse regimen do governo, cuidam tão sómente dos seus interesses proprios.

Arruinam a Patria em proveito d'elles, e deixam à mercê dos estrangeiros possesões portuguezas, das quaes se poderia auferir grandes lucros.

E como se tudo isso não fosse um crime nefando, favorecem cavilosamente esses malditos sotainas.

Nuvens negras, prênhes de hypocresia, aglomeradas sobre as nossas cabeças, condemnando-nos à escuridão sinistra da ignorancia e do absolutismo!

Se o povo d'óra avante, não seguir o exemplo d'esses honradissimos electores do imminente tribuno, e austero democrata o Ex.^{mo} sr. Dr. Manuel d'Arriaga escolhendo para seus representantes nas Côrtes parlamentares, a homens de caracter probo e honesto; instruidos, e habeis para advogar os seus interesses, conjuntamente com a dignidade do nosso nome — portuguez — verá como esses agentes da monarchia, reduplicam d'oppressões, de esbanjamentos, e de favoritismos.

Um sudario de torpezas envolverá nas suas pezadas pregas, ao eterno explorado a essa victima insciente, dos Padres e reis.

Atear-se-hão ao rijo sopro d'esses hypocritas, as fogueiras do Santo Officio.

Depois quando jazeres inerne, nas carceres da Santa Inquisição; queixa-te, e culpa-te só a ti, ó povo indolente, e cego pelo fanatismo reigioso!

Se o sol da liberdade ainda não é visivel, se essa luz, apenas diffunde atravez de espessos nevoeiros uma claridade monótona, ... pardacenta, ... desconsoladora, ... é porque os portuguezes, descendentes d'esses heros, — d'antes quebrar que torcer — não tem exercido a sua força indomavel, nem affirmado a sua vontade de ferro.

Exgotem-se sem perda de tempo, esses pantanos ludosos, que se denominam throno, e altar; as suas mephyticas exhalções, condensando-se na atmospha, é que interceptam o brilho do astro refulgente.

Para o conseguir proceda o povo, da mesma sorte que esses honradissimos republicanos do Funchal.

E o denso veu d'essa atmospha esmagadora, rasgar-se-ha, o nevoeiro pardacento, cederá o lugar á luz, precursora da Liberdade, assim como o Inverno cede o lugar á Primavera, nuncia das galas do Estio!

E todos esses innumeros beneficios, pôde o povo alcançal-os alegremente, pacificamente, obtendo de mais a mais a mexcedivel compensação de não transigrir por preço algum, com os dictames da sua honrada consciencia.

Siga pois sem vacillar o exemplo d'esses independentes electores, cujos nomes hão-de abrilhantar as mais bellas paginas da Historia da Democracia; como actualmente illumina de contentamento a todos os briosos republicanos.

A esses energicos Luctadores, eu presto o mais dilecto, e fervoroso preito — Lisboa.

MARIA LUIZA CALDAS.

Á MEMORIA

DE

LÉON GAMBETTA

A' memoria do grande amigo da liberdade e do progresso, do mestre, do republicano, do patriota sincero e desinteressado, do tribuno eloquente, do cidadão, do politico, do homem, do luctador immaculado, do illustre francez, ha pouco fallecido, consagra a *Galeria Republicana* estas modestissimas linhas, como a expressão profunda do seu pesar pela ausencia da organização politica mais robusta e excepcional dos tempos modernos, reservando para o numero 26 em que dá o seu retrato, prestar a homenagem devida a vulto tão gigantesco.

A EMPREZA.

CHRONICA

Os republicanos portuguezes realizaram no dia 24 de dezembro um esplendido banquete em homenagem ao dr. Manoel d'Arriaga e aos independentes electores do Funchal. Foi uma festa importantissima a que assistiram cento e vinte dos bons e leaes republicanos do paiz.

Eu meu caro, sympathiso extremamente com estas festas, que tem o condão especial de estreitar os laços da amizade entre homens, que pertencem ao mesmo partido, tornando-os conhecidos uns dos outros. Porisso quando me fallam n'um sarau, n'um jantar ou n'um comicio republicano, nunca falto.

Seria ocioso descrever-te as peripecias do banquete, os brindes, o entusiasmo, que n'elle reinou, a sinceridade de que todos ali estavam animados. As folhas republicanas occuparam-se largamente d'este acontecimento. Para que hei de estar a repetir-te aquillo que estás já farto de saber?

Poste á Trindade na noite de cinco do corrente? Se tivesses ido, terias ali encontrado uma boa parte dos nossos correligionarios. Tratava-se, meu amigo, de fundar uma escola no concelho de Belem, pelo methodo de João de Deus.

Que bella cousa a de fundar escolas! O partido republicano deve orgulhar-se da grande obra da liberdade e de progresso, que empreheendeu ultimamente. Enquanto a monarchia deixa morrer á fome os pobres professores de instrução primaria, o partido republicano, um partido nascente, mas já hoje um forte partido nacional, trata de fundar escolas e bibliothecas populares, fazendo vêr que a iniciativa individual é tudo, quando bem comprehendida.

Ao *Club da montanha*, iniciador d'esta escola, as nossas felicitações mais cordeas e sinceras.

CABRION.

No proximo numero daremos, em grupo, os retratos dos trinta e dois reformadores de 1820.